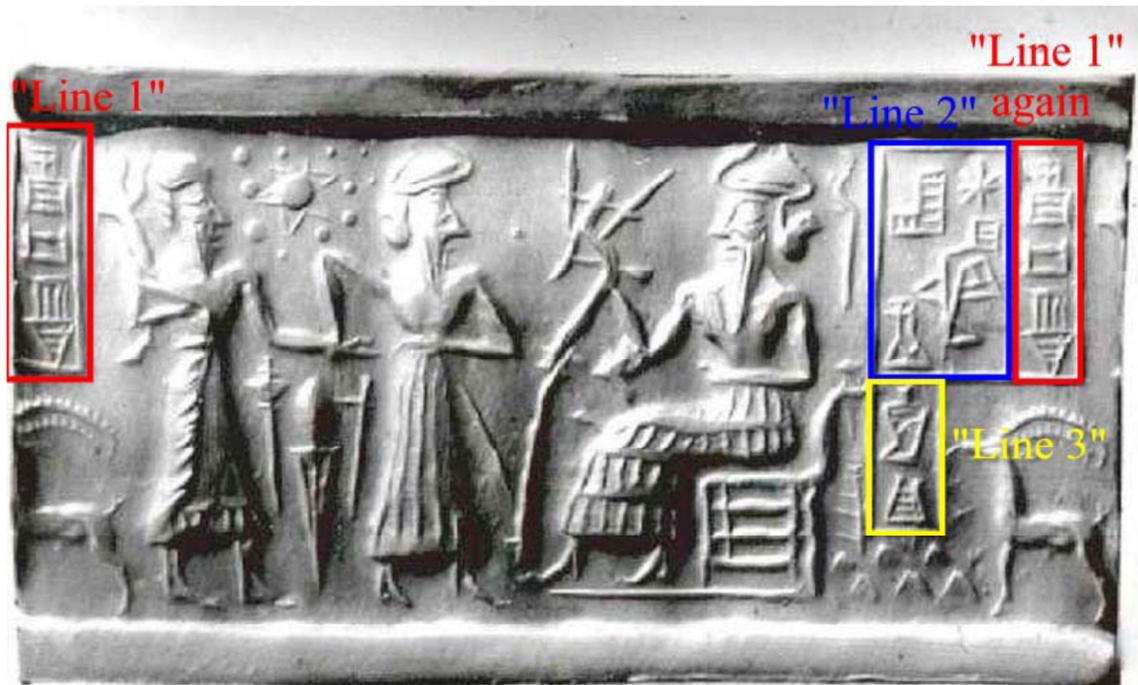


th
The Myth of a 12 Planet:
Análise do cilindro VA 243
Michael S. Heiser Ph.D. Hebrew Bible and Semitic Languages
University of Wisconsin-Madison



O selo é transliterado e traduzido nas principais publicações do Vorderasiatische do Museu de Berlim de sua coleção do selo, (Vorderasiatische Rollsiegel Ásia Ocidental Cylinder Seals; 1940) pelo estudioso da Mesopotâmia Anton Moortgat na página 101.

Linha 1 = dub-si-ga “Dubsiga” [um nome pessoal de um personagem aparentemente poderoso]

Linha 2 = ili-il-la-a “Ili-illat” [outro nome pessoal, desta vez do dono do selo]

Linha 3 = ir-su “dein Knecht” [em alemão para “seu servo”]

Assim, a inscrição do VA243 lê: Dubsiga, Ili-illat, “sua / seu servo.” Nada na inscrição sugere qualquer coisa remotamente a ver com astronomia ou planetas. Em uma correspondência de e-mail ao Dr. Rudi Mayr, cuja dissertação foi em selos cilíndricos, Dr. Mayr comentou sobre a inscrição e o selo:

A figura sentada é um deus, o vestuário é normal para divindades (embora reis começassem a usá-los um pouco mais tarde); divindades também têm o cocar distintivo.

A maioria dos estudiosos chama o cocar de “chifres”, mas eu sempre pensei que pareciam mais “chamas” do que chifres. Textos antigos geralmente se referem a divindades que têm um brilho ou um aspecto brilhante [isto é verdade em todo o antigo Oriente Próximo].

A figura introduzida também tem os “chifres” da divindade [este é um argumento contextual forte que o símbolo - uma vez mais, não é o “sol”- para o canto superior esquerdo da figura é uma estrela. Precisamente porque elas brilham, as estrelas foram associadas a divindades. Shamash, o deus sol, tinha o seu próprio símbolo do sol].

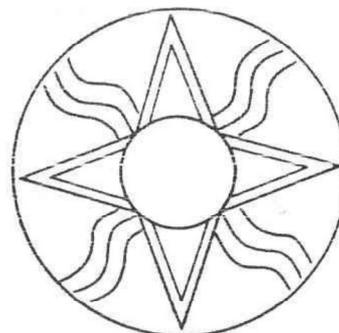
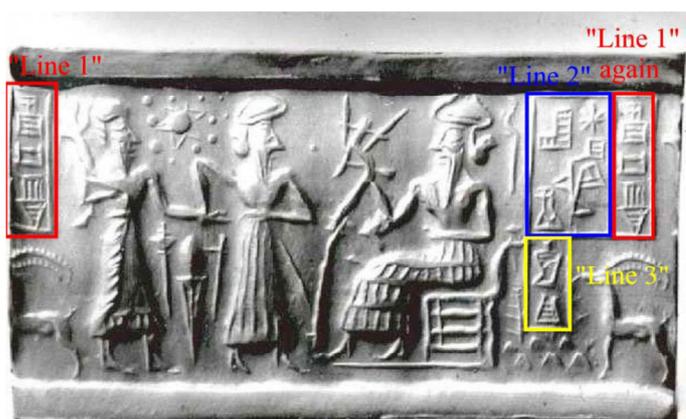
II. O símbolo do Sol

Este é talvez o maior problema com a interpretação de Sitchin do VA243 significando o sistema solar. Simplificando, se o símbolo central do seu sistema solar não é o sol, a interpretação desmorona completamente. Na verdade, há uma boa quantidade de evidências para demonstrar decisivamente que Sitchin se equivocou.

a) Comentários Gerais

Como todas as religiões antigas, Suméria-mesopotâmica a religião tinha uma grande preocupação com os corpos celestes que podiam ser observadas a olho nu. Em particular, o sol, a lua e Vênus foram importantes pontos de foco por causa de sua facilidade de visibilidade, e cada uma simbolizava e representava uma divindade. Na religião Suméria-mesopotâmica, o deus sol era um símbolo muito claro: Deus Sol = Shamash (Utu na linguagem da Suméria)

O símbolo do deus sol na religião Suméria-mesopotâmica era um círculo central com quatro “braços” longos com linhas onduladas entre cada “braço” (o mais comum), ou um círculo com apenas linhas onduladas.

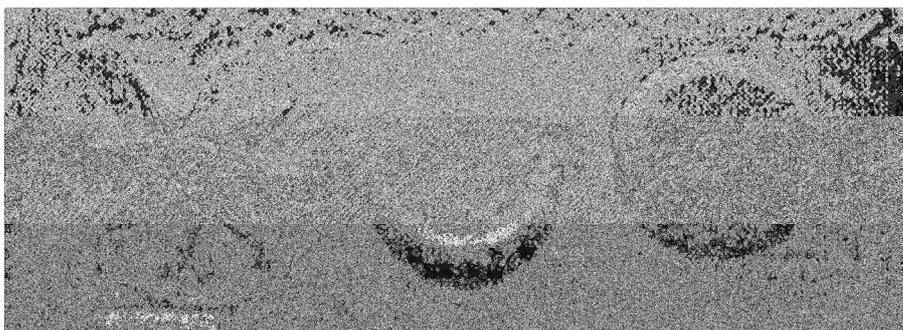


O leitor deve observar imediatamente que este não é o símbolo no VA243. “Pseudo-sol” do VA243 não tem as linhas onduladas e não está definida dentro de um círculo. Este símbolo do sol é onipresente na arte religiosa Suméria-mesopotâmica. O outro símbolo comum para o deus-sol era o deus em voo em um conjunto de asas (uma representação semelhante à do disco alado na religião egípcia).

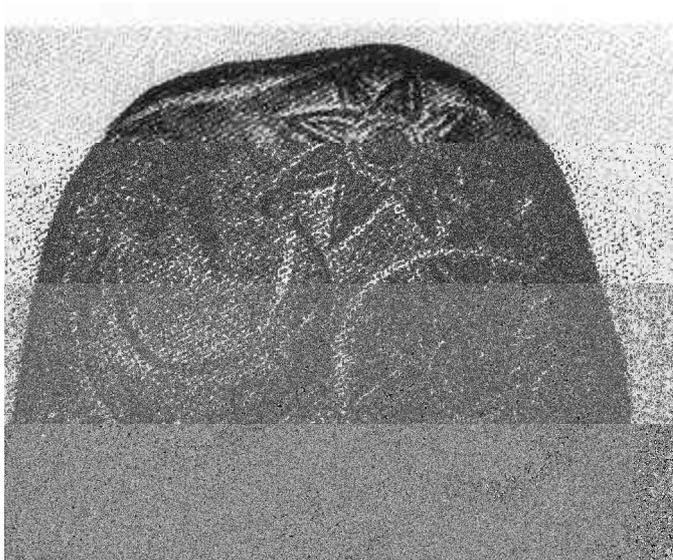
Jeremy Black, Gods, Demons, and Symbols of Ancient Mesopotamia: An Illustrated Dictionary (University of Texas Press, in conjunction with the British Museum, 1992): 168. This is an excellent reference source. Dr. Black is a well known Sumerian scholar. He was formerly the Director of the British School of Archaeology in Iraq and is now university lecturer in Akkadian and Sumerian at Wolfson College, Oxford.
above source, p. 168.

Como se sabe que o símbolo do VA243 é uma estrela, e não o sol? Para além do óbvio mencionado acima – o VA243 não tem as linhas onduladas entre os “braços” do símbolo e não está definida dentro de um círculo – a religião Suméria-mesopotâmica agrupa frequentemente os símbolos para o deus sol com a do deus lua (acadiano = Sin; sumério Nanna =) e Ishtar (suméria = Inana).

Este trio agrupado é muito prevalente na arte Suméria-mesopotâmica, e obriga a observação de que o símbolo do sol e a estrela foram símbolos distinguidos uns dos outros:

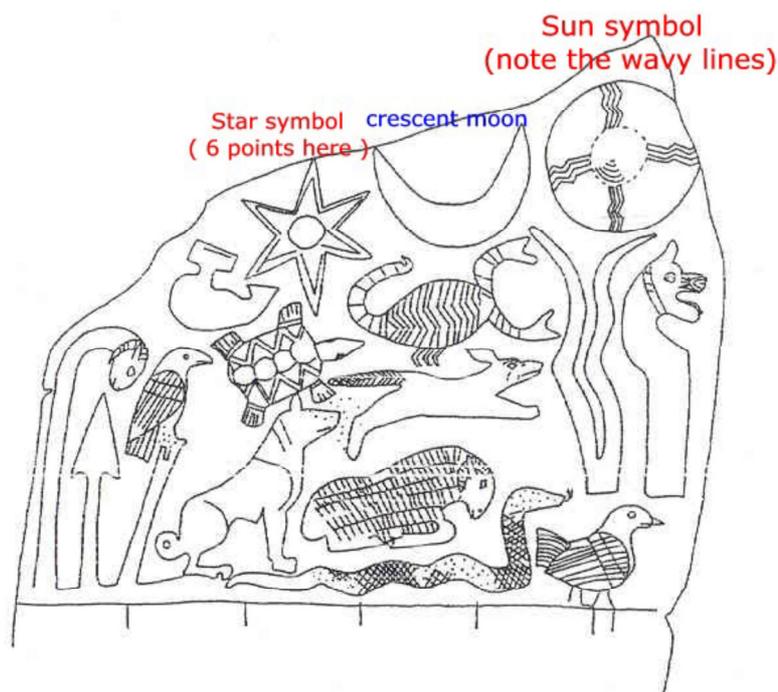


Fonte: Ursula Seidl, Os relevos babilônicos Kudurru, painel 11, segunda stela grupo "a" = Os relevos babilônico Kudurru, placa 11, 2 ° Grupo, stela "a". Observe as linhas onduladas do sol à direita.



Ursula Seidl, Os relevos babilônicos Kudurru, painel 19, Quarto Grupo Stela "b" = Os relevos babilônicos Kudurru, placa 19, 4 ° Grupo, "b". Observe as linhas onduladas do símbolo do sol no canto inferior direito.

Um terceiro exemplo do zodíaco

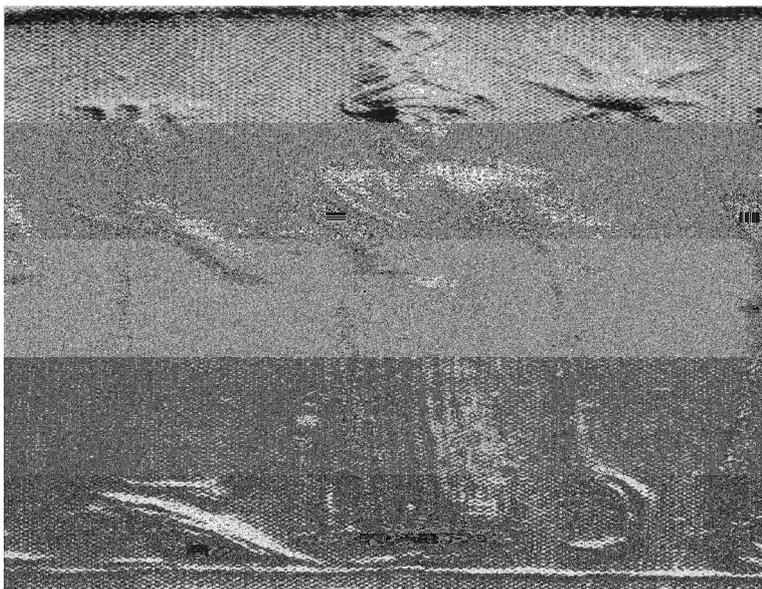


Note-se que o símbolo da estrela aqui tem seis pontas assim como o VA243. Source: Ursula Seidl, Die Babylonischen Kudurru Reliefs, p. 23 = The Babylonian Kudurru Reliefs, p. 23.

Os dois exemplos anteriores estão claramente no contexto do zodíaco, como esse. Os dois exemplos anteriores têm claramente o símbolo do sol desenhado de uma forma consistente com as características esperadas na Suméria - Mesopotâmia (linhas onduladas, cercadas) que se distingue o sol do símbolo da estrela.

O símbolo da estrela na astronomia Suméria o número de pontas varia. Isto significa que o número de pontas não é importante para identificar o símbolo da estrela como uma estrela ou planeta. Por isso não se pode dizer que a estrela geralmente tem oito pontas, e o selo de Sitchin tem seis, portanto, não é uma estrela, mas o sol. "Isto demonstra claramente que o símbolo de uma estrela pode ter 6, 7, ou 8 pontas, e não tem linhas onduladas". O símbolo de Sitchin o VA243 não é o sol e sim uma estrela, e, portanto, denota uma estrela, um deus, ou um único planeta. Esta não é a minha opinião, é a convenção da arte Suméria - mesopotâmica.

Vamos passar a alguns exemplos de outros cilindros e o símbolo da estrela. Como mencionado acima, a estrela foi projetada para significar uma divindade ou uma estrela no sentido literal ou um planeta. Aqui está um exemplo de um cilindro com Ishtar sinalizada como a divindade por uma estrela:



Source: Henri Frankfort, *Cylinder Seals: A Documentary Essay on the Art and Religion of the Ancient Near East* (London: MacMillan and Co., 1939): Plate XXVI-seal L

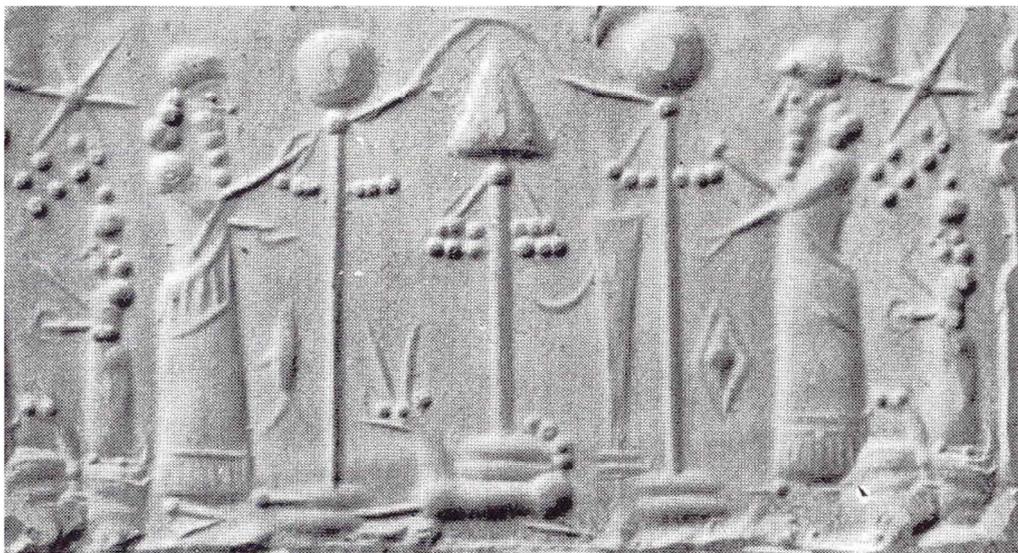
Neste exemplo, a estrela tem oito pontas, e é muito semelhante ao símbolo da estrela do VA243. Sabemos que é uma estrela e não o sol, porque a deusa Ishtar é representada. Outro símbolo da estrela é muito semelhante ao VA243



O lado superior esquerdo deste selo contém o disco solar alado acima da cabeça o que os estudiosos chamam de “o homem escorpião” (observe sua cauda). Logo à direita do disco alado é o símbolo da estrela. Desta vez, a estrela tem sete pontas, e é bastante semelhante ao VA 243.

Observe bem no canto direito superior longe - as sete estrelas agrupadas são as Plêiades.

Abaixo estão alguns exemplos de selos com seis estrelas agrupadas: (Frankfort, Placa XXXIII - selo d):



Comentários: Observe as estrelas de seis pontas no canto superior direito e esquerdo. Em ambos os casos, observe a presença de sete “pontos” em grupos - uma vez mais, as Plêiades (o “ponto extra” sobre a cabeça da figura de pé menor denota uma divindade, pois é uma estrela). Os sete pontos = as sete estrelas das Plêiades (os pontos eram permutáveis com as estrelas agrupadas para denotar estrelas). E. Douglas van Buren, especialista em comentários sumérios e mesopotâmicos diz:

“Essa observação é importante porque demonstra que o padrão de “estrela agrupadas + Plêiades” não requer certo número de pontas sobre as estrelas”. Lembre-se que a mesma situação aconteceu com o zodíaco - não importa quantas pontas um símbolo da estrela tem - é uma estrela, e não o sol.

Outro exemplo: (Frankfort, Plate XXXV – seal h):



Neste selo a estrela tem seis pontas em torno de um ponto central. Observe novamente o símbolo Plêiades (ver abaixo sob o ponto seguinte sobre os "pontos" em VA 243).

Antes de deixar a discussão sobre o símbolo da estrela, tome nota da estreita semelhança de estilo entre a estrela em VA243 que Sitchin diz ser o sol e os símbolos da estrela observada acima:



VA243

Frankfort XXXIII-b Ishtar star

Agora compare isso com o símbolo real sol



I. O conhecimento astronômico sumério-mesopotâmico

Questões iniciais: a distinção entre Nibiru, Planeta X, e Eris

Embora o nome do deus sumério Nibiru seja na maioria das vezes dada a este objeto, eu aprendi rapidamente que alguns sites também foram chamando-o de Planeta X ou Eris. Planeta X é um termo genérico usado por astrônomos ao longo do século para quaisquer planetas desconhecidos ou hipotéticos além de Plutão.

Eris é um planeta pequeno recém-descoberto, um pouco maior que Plutão, mas muito mais longe. Ao confundir com este, alguns estavam reivindicando que a NASA tinha encontrado Nibiru ou que Eris estava indo em direção a Terra em 2012.

UB 313 posteriormente recebeu o nome de Eris. Mas isso não tem nada a ver com Nibiru. Nibiru é uma farsa, ligado a um culto religioso, e não tem nada a ver com ciência (David Morrison, cientista sênior da Nasa)

Zacarias Sitchin baseia toda a sua teoria da existência de um décimo planeta em textos antigos, inclusive sumérios. Sua principal conclusão é baseada em um selo que mostra um diagrama que se parece com o sistema solar, com o Sol no centro. Parece ter onze planetas ao seu redor. Segundo ele os sumérios contaram o Sol e a Lua como planetas. Ele diz que os alienígenas se comunicavam com os antigos sumérios.

Sitchin afirma que a imagem mostra Urano, Netuno e Plutão. Mas os sumérios não tinham telescópios e, portanto, só poderiam ter sabido delas se os aliens dissessem-lhes sobre a sua existência. Mas se os estrangeiros lhes disseram sobre esses planetas, por que não sobre Júpiter, Saturno, ou o anel de Saturno?

O selo não mostra qualquer uma dessas características. E os sumérios pensaram que a Lua e o Sol eram planetas, quando eles não são. Certamente os aliens saberiam que o Sol e a Lua não são planetas!

Os sumérios têm um símbolo inequívoco para o Sol: um círculo com quatro triângulos em torno dele, como raios e linhas onduladas entre os triângulos. Isso não é o símbolo no selo. O símbolo utilizado é o de uma estrela brilhante, mas não o sol. Michael Heiser

Não há nenhuma indicação astronômica da existência de outro grande planeta no sistema solar interior.

O mito do Planeta X. Simplificando: onde está? Nós não vemos isso opticamente, e não vemos quaisquer efeitos gravitacionais.

Olhe para Júpiter é cerca de dez vezes o diâmetro da Terra, e é, em média, cerca de 750 milhões de quilômetros (450 milhões milhas) de distância. É facilmente visível a olho nu, e, de fato, é geralmente o quarto ou quinto mais brilhante objeto no céu (o Sol, Lua e Vênus são mais brilhantes, e Marte às vezes pode ser mais brilhante do que Júpiter).

No entanto, para o Planeta X estar aqui em menos de uma década, não pode estar a mais de um bilhão ou mais quilômetros de distância. Mesmo a essa distância seria um dos objetos mais brilhantes no céu. Mesmo que fosse muito fraco para ser visto a olho nu, ele ainda seria visto com facilidade, mesmo se fosse bilhões de quilômetros de distância.

Lembre-se, o pequeno Plutão pode ser facilmente detectado através de modernos equipamentos, e Plutão é menor do que o tal Planeta X.

Não tem como um grande planeta tão perto da Terra ter escapado à detecção dos astrônomos - mesmo os astrônomos amadores.

Além disso, um planeta gigante tem gravidade gigante. Netuno foi descoberto por causa de seus efeitos gravitacionais sobre Saturno e Urano. O Planeta X se estivesse em qualquer lugar perto do sistema interno solar, puxaria esses planetas. Este puxão afetaria suas órbitas, e veríamos isso. Nós não.

Alguns dos defensores do planeta X falam sobre como as órbitas dos planetas exteriores são de fato afetados, mas eles estão contando com dados muito antigos dados dos nove planetas que conhecemos.

Outra reivindicação dos favoritos de Mark é que a NASA descobriu o décimo planeta em 1983, e até mesmo anunciou. O que realmente aconteceu foi que um satélite usado para fazer observações astronômicas com luz infravermelha encontrou vários objetos que estavam anteriormente não identificados.

Durante uma conferência de imprensa, os astrônomos fizeram uma lista de fontes potenciais, incluindo (mas não limitado a) um décimo planeta. Claro, a manchete do Washington Post gerou essa possibilidade, mas a ciência em geral, não é feito por manchetes. Com certeza, as observações feitas mais tarde mostraram claramente que a maioria dos objetos eram galáxias distantes, não um planeta.

O símbolo “do sol” alegado no selo não é o sol. Sabemos disso porque ele não se conforma com a representação consistente do sol em centenas de outros selos cilíndricos e exemplos de trabalhos artísticos Sumérios - mesopotâmicos.

O símbolo “do sol” é na verdade uma estrela (que na arte mesopotâmica podia ter seis ou, mais comumente, oito pontas). Os sumérios e mesopotâmios distinguiram o sol de estrelas usando símbolos diferentes - e associaram cada símbolo com o deus-sol e outros deuses respectivamente. Não há nenhuma evidência Suméria - acadiana antiga para apoiar a identificação de Sitchin.

Se o “sol” não é o sol, então o que são os pontos? Os pontos também são estrelas, como é ilustrado pela representação suméria-mesopotâmica das Plêiades (sete pontos, juntamente com precisão astronômica razoável uma vez que são visíveis a olho nu). As Plêiades são realmente uma das características astronômicas mais frequentemente descritas na arte Suméria-mesopotâmica.

Como Sitchin ressalta (e isso é corroborado pelos estudiosos atuais no campo - é de conhecimento comum), as estrelas foram associadas ou consideradas seres celestiais - deuses. Na obra Suméria-mesopotâmica, uma estrela representava um deus ou um corpo astronômico. O mesmo pode ser dito do sol - ele pode referenciar o sol literalmente ou o deus sol. Há três possibilidades, como o que está representando no VA243:

(A) Ele destaca uma divindade ou estrela especial e associa com outras estrelas em algum tipo de representação zodiacal. Eu não considero isso provavelmente porque há outras representações muito mais claras de constelações zodiacais. A menos que haja conotações zodiacais claras, uma estrela foi o símbolo de uma divindade, o que nos leva à segunda opção.

(B) Mais provável é a ideia de que a estrela central representava uma divindade que tem alguma relação com a fertilidade (como em outras culturas) a inscrição descreve uma oferta feita por um adorador (que tem o nome) a um deus assentado que está associado no selo com a colheita fértil.

Uma vez que existem duas outras figuras no selo, além do deus sentado, e uma delas é o ofertante, a figura restante é provavelmente uma divindade também associada à oferta. Em favor dessa possibilidade são as “ferramentas” mostradas no selo com relação a essas duas figuras de frente para o deus sentado.

(C) Uma vez que a estrela é cercada por outras onze estrelas (pontos), a descrição artística poderia estar para o deus principal do conselho divino da Mesopotâmia e seus outros onze membros (nível superior).

Lembre-se que o conselho da Mesopotâmia tinha 12 membros. Tenho notado antes que o conselho de 12 membros nem sempre era consistente na religião mesopotâmica (às vezes oito deuses são considerados o conselho), mas 12 é o número mais prevalecido.

Esta tese é atraente, mas eu não posso dizer que há muito a recomendá-la sobre a opção B. O leitor pode estar pensando neste momento: “Bem, não é o deus sol o líder do panteão? Não! O deus Anu é o altíssimo (mais tarde, Marduk) e não Shamash.

Quais são as fontes astronômicas cuneiformes para o conhecimento da astronomia antiga Mesopotâmia?

As Tabuletas cuneiformes que contêm dados astronômicos ou referências a corpos astronômicos datam desde 1800 a.C.²

A data das fontes cuneiformes são seguras,¹ mas esta data não é tão antiga como Zecharia Sitchin afirma para o conhecimento astronômico da suméria. A diferença cronológica é devido ao fato de que Sitchin não derivou seu ponto de vista dos próprios tablets, mas a partir de sua interpretação imaginativa. Todo o sistema cosmológico-mitológico de Sitchin é baseado em três linhas de argumentação:

(1) Em poucas palavras, o “sol” no selo (que supostamente mostra o sistema solar) não é o sol - com base no estilo consistente do símbolo do sol real nos selos Sumério-Mesopotâmicos. Sem sol, você não tem um sistema solar³.

(2) A alegação de que Nibiru está além de Plutão e é a casa dos Anunnakis, nenhuma atestação há em qualquer textos⁴.

Não há um único texto em todo o corpus da Suméria ou da Mesopotâmia em tablets no mundo que nos diz que os sumérios (ou posteriores habitantes da Mesopotâmia) sabiam que havia mais de cinco planetas. Isso é muito sinistro, mas é demonstrável através do trabalho de estudiosos que se especializaram em cuneiforme e astronomia.

¹ Francesca Rochberg, “Astronomy and Calendars in Ancient Mesopotamia,” *Civilizations of the Ancient Near East*, vol. III, ed. Jack Sasson (2000): p. 1925. This is likely the best introduction lay to the subject, and so I use it here throughout.

² The reader must realize that dating ancient tablets is not arbitrary. Dates are determined by several methods: (1) The names of kings or other important figures in texts (like generals or priest) who are cross-referenced in other sources, often from other countries (like Egypt). In the case of kings, these names are then matched to king lists or other lists that tell us the number of years in succession each king reigned. One can therefore start plotting out a chronology in conjunction with the records of other ancient peoples. “Starting points” or benchmarks are obtained by Greek or Roman records (which take us well into the “AD” and several centuries back into “BC). (2) Astronomical events mentioned in texts (like eclipses) that can be plotted today via modern astronomical techniques and records. Often these events also show up in other ancient sources as well. (3) Important events that show up in texts (like battles or treaties) that reference other nations or are themselves recorded in other sources (common for both parties in treaties to record them). Again, these can be cross-referenced. (4) Once a body of cuneiform tablets accumulates that can be chronologically dated, scholars make note of changes in vocabulary, style, and grammar. This enable them to date tablets that do not have any of the chronological markers in them noted above. To illustrate, if you found a letter in your attic or a yard sale that had words like “thee” or “thou” in it, you’d know immediately that the letter could be an approximate number of years old. Once you checked with experts, you could get it quite close (at least to the decade). If you found a letter that LOOKED old, but had the word “email” in it, you’d also know it couldn’t be older than the year when email came into being.

³ See www.facadenovel.com/SitchinPDFpapers.htm.

⁴ If one wants to disagree with the chart, I invite the reader to simply look up the references to Nibiru in the Chicago Assyrian Dictionary and then go look up the English translations in the sources in the charts, as well as the bibliography at the end of this paper.

O mito do planeta Nibiru

Aqueles familiarizados com ambos os escritos de Zecharia Sitchin ou os devaneios atuais da internet sobre “o retorno do Planeta X” está provavelmente familiarizado com a palavra “Nibiru”.

De acordo com o estudioso Zecharia Sitchin e os sumérios sabiam de um planeta extra além de Plutão? Este planeta extra foi chamado Nibiru?

Sitchin continua a afirmar que Nibiru atravessa o sistema solar a cada 3.600 anos. Alguns crentes na teoria de Sitchin afirmam que Nibiru vai voltar em breve - em maio de 2003, para ser exato.

Os seguidores das ideias de Sitchin também referem-se a Nibiru como “Planeta X”, o nome dado a um planeta que está supostamente localizado dentro do nosso sistema solar, mas além de Plutão.

Os adeptos ao “retorno do Planeta X” acreditam que o retorno deste planeta errante trará consequências catastróficas para a Terra.

Sitchin está correto? Nibiru é o 12º planeta que passará através do sistema solar a cada 3600 anos? Será que os sumérios sabiam disso?

Quantas vezes e de onde vem a palavra “Nibiru”?

Ocorre em textos cuneiformes?

O que a palavra significa, e há um contexto astronômico para a palavra em qualquer de suas ocorrências?

Quais são as fontes astronômicas cuneiformes para o conhecimento da astronomia antiga Mesopotâmica? O que essas fontes dizem sobre Nibiru?

Com que frequência e onde a palavra “Nibiru” ocorre em textos cuneiformes? O que a palavra significa, há um contexto astronômico para a palavra em qualquer de suas ocorrências?

Felizmente para os estudiosos e demais interessados, o trabalho dos estudos acima e os editores do *Chicago Assyrian Dictionary* (CAD) localizaram e compilaram todos os lugares onde a palavra “Nibiru” e formas relacionadas são atestadas nos tablets.

Um olhar sobre a entrada do CAD (volume "N-2", pp 145-147) nos diz imediatamente que a palavra tem uma variedade de significados, todos relacionados com a ideia de “cruzamento”, uma espécie de “marcador de travessia” ou “ponto de passagem”.

Em apenas uma minoria dos casos (essas referências em textos astronômicos) que a palavra se relaciona com um corpo astronômico. Abaixo está um breve resumo dos significados da palavra fora do nosso interesse imediato, seguido de significados e referências nos textos astronômicos específicos.

Significados gerais do vocábulo Nibiru.

“Nibiru” (mais tecnicamente e devidamente transliterado como “neberu”¹) pode significar:

a) “Lugar de passagem” ou “cota de cruzamento” – No épico de Gilgamesh²

b) A denominação geográfica em um texto sumério-acadiano relata uma aldeia a qual é nomeada de “Ne-bar-ti-Ash-shur” (“Cruzando Ponto de Assur”).

c) Outro texto lida com os honorários de um barqueiro que transporta pessoas através da água e observa que o passageiro pagou “shiqil kaspum sha ne-bi-ri-tim” (“prata para as taxas de passagem”).

d) “Balsa, barco, (ato de) transporte” – Por exemplo, um texto acádio refere-se a um inimigo militar, os Arameus: “A-ra-mu nakirma bab ni-bi-ri sha GN itsbat”³ (“Os Arameus foram desafiados e assumiram uma posição na entrada do vau [portão, ponto de passagem]”).

e) Em outro, os Elamitas são ditos “ina ID Abani ni-bi-ru u-cha-du-u” (“[to] ter cortado o vau [ponte, cruzando caminho] do rio Abani”).

A “ideia da raiz” do grupo de palavras relacionadas a Nibiru e suas formas relatam o sentido de algo que diz respeito à “travessia”.⁴

Nibiru se referindo a um corpo astronômico

O sobrescrito “^d” = o sinal cuneiforme para “Deus” (Dingir), e assim “Neberu” pode se referir a um deus (lembre-se que sumérios e mesopotâmicos associavam corpos celestes com divindades)

O sobrescrito “MUL” = o sinal cuneiforme para “estrela” (e assim “Neberu” é uma estrela - os textos nos dizem este ponto em branco)

Os números subscritos = o número de referência numérica para sinais sumérios que pode ficar por mais de uma sílaba. Esta é uma convenção acadêmica para manter esses sinais distintos que se sobrepõem de modo que os textos podem ser lidos com precisão. Correndo o risco de alguma redundância, você vai notar rapidamente que Nibiru é precedido por dois “^d” e “MUL”, e por isso é conhecido como uma divindade e uma estrela.

¹ For the most part in this paper I have not used the standard scholarly transliteration font with diacritical marks. I have instead tried to spell Akkadian words phonetically for readers. An exception would be the chart of Nibiru references below.

² Tablet X, ii:24.

³ The “GN” refers to a determinative for a geographic name.

⁴ Sitchin of course notes the basic “crossing” meaning in his book. One just needs a dictionary for this, as the above indicates. He then supplies – without textual support – the idea that Nibiru is a planet that “crossed” paths with other planets in our solar system on its regular 3600 year course. The rest of this paper will demonstrate the flaws in this view.

Sitchin atestou em várias ocasiões (e isso é de conhecimento comum para os estudiosos do Antigo Oriente Próximo), os povos antigos, muitas vezes identificavam as estrelas ou planetas como deuses, como se as estrelas fossem seres deificados.

Esta é uma razão pela qual, mesmo no Antigo Testamento, os filhos de Deus são chamados de estrelas (cf. Jó 38:7-8).

Nos textos que se seguem, Nibiru foi considerado como um planeta (especificamente, Júpiter, mas uma vez que Mercúrio), um deus (especificamente, Marduk), e uma estrela (distinguido de Júpiter).

O que as fontes nos dizem sobre Nibiru?

Enuma Elish (esp. Tablet V)

Enuma Elish é sem dúvida familiar para aqueles que já ouviram falar de Zecharia Sitchin ou Niburu antes. Este épico mesopotâmico reconta a origem do universo, em um total de sete tablets. Na parte final do Tablet VI e durante a maior parte Tablet VII os deuses proclamam os cinquenta nomes de Marduk. No Tablet VI, linhas 39-44, Marduk dividiu os deuses Anunnaki em dois grupos: 300 no céu e na terra 300.

Depois de fazer isso (linhas 55ff.), Os Anunnakis pedem a Marduk uma autorização para construir um santuário, o qual Marduk já havia prometido construir.

Os Anunnakis, em seguida, construíram Babilônia por ordem de Marduk. Os Tablet VI, linha 121 e Tablet VII, linha 138 contém o pronunciamento dos nomes de Marduk. Um desses nomes de Marduk, na linha 124 do Tablet VII, é Nibiru.⁵

Na linha 124 o nome é dado em sumério (Nibiru prefixado pelo sinal Dingir para divindade) e, em seguida, uma breve descrição acadiana segue:

^d
Ne-be-ru ne-be-re-et same, u erseti lu tamehma Nibiru: let him/it [Nibiru] o titular da travessia dos céus e da terra.

(linha 125 segue:... “para que eles [os céus] não cruzem acima e abaixo, mas devem esperar por ele [Nibiru]”).

Observação: Aqui temos um texto sumério-acadiano específico que diz que Nibiru é o nome de Marduk.

⁵ Mesopotamian Cosmic Geography, pp. 114-115.

Tablet VII, em seguida, continua nas linhas 126-127 com esta declaração:

^d
Ne-be-ru kakkabu-su sa ina same, u-sa-pu-u Nibiru é a sua estrela [de Marduk],
que faz aparecer nos céus.

lu-u sa-bit kun-sag-gi su-una sa-a-su lu-u pal-su-sa

Ele [Nibiru] é aquele que detém o “ponto da viragem” [o ponto de passagem]; eles devem olhar para ele.

Observação: Horowitz observa que a palavra “kunsaggu” só é atestada em Enuma Elish. Há um “kun-sag-ga” em outro texto onde a palavra é paralela com a palavra “muhru”, que é uma placa de rua ou marcador para um ponto de viragem, durante um circuito processional. De qualquer forma, Nibiru marca algum tipo de “conjuntura ou interseção.”

O texto rotula claramente Nibiru com o sinal Dingir novamente, e ainda o chama especificamente uma estrela (kakkabu é a palavra genérica para estrelas em semita;. Cf kkb hebraico).

O Tablet V de Enuma Elish ecoa as palavras do Tablet VII. Esta é a parte do épico que lida com o arranjo das estrelas de Marduk. Linhas 1-8:

- 1) Ele [Marduk] formou as estações para os grandes deuses.
- 2) As estrelas, a sua semelhança, ele montou as constelações.
- 3) Ele fixou o ano, atraiu as linhas de contorno.
- 4) Configurou três estrelas para cada um dos 12 meses. [uma referência para a configuração do astrolábio]
- 5) Depois que ele elaborou os projetos do ano.
- 6) Ele estabeleceu rapidamente a estação de Neberu para corrigir suas bandas.
- 7) Para que ninguém transgredisse ou negligenciasse em tudo.
- 8) Ele colocou a estação de Enlil e Ea com ele.

Observação: Esta “estação” é explicada pelos estudiosos, referindo-se as linhas acima (124-127) no Tablet VII. “Estacionamento” de Nibiru é considerado como sendo o “papel especial” atribuído por Marduk: uma espécie de ponto ou influência sobre as estrelas que parece ditar o curso das estrelas.

MUL.APIN Tablet I, col. 1, linhas 36-38

As palavras destas linhas espelham os textos acima:

Quando as estrelas de Enlil tinham sido concluídas, uma grande estrela - embora a sua luz sendo fraca - dividiu o céu em dois e ficou lá: isto é, a estrela de Marduk, Nibiru, Júpiter, que continua a mudar a sua posição.

Observações: O fraseado, “a estrela de Marduk, Nibiru, Júpiter...” É significativo.

O texto sumério-acadiano registra:

MUL^dAMAR.UD ne-bi-ri DIS MULSAG.ME.GAR

Nibiru é claramente denominado de a estrela de Marduk o qual é Júpiter.

Estranhamente, aqui Nibiru “cruza o céu”, e assim aparece móvel - mas, noutros, aparece como uma estrela “fixa”.

Este novo - apesar da “mobilidade” não pode referir-se a um planeta além de Plutão, por duas razões:

(1) Nibiru é visível a cada ano, (2) é (de novo) uma estrela associada intimamente com Júpiter.

Como se sabe que a frase acima se refere a Júpiter? Porque MUL.APIN cataloga os caminhos dos planetas conhecidos (cinco, além do sol e lua como planetas, totalizando sete).

Aqui está uma tabulação dos nomes do planeta em MUL.APIN, citado no estudo técnico principal destes tablets: ⁶

⁶ Hermann Hunger and David Pingree, MUL.APIN: An Astronomical Compendium in Cuneiform, Archiv für Orientforschung 24 (Verlag Ferdinand Berger & Sohne Gesellschaft MBH, Austria, 1989): p. 146

Section 2: Planets

The names of the planets that occur in MUL.APIN are recorded in Table IX.

Table IX

Planet	Name	References
Sun	UTU (Šamaš)	I iv 11; II i 1, 11, 14, 17, 20, 23; i 1, 2, 3, 7; 112 40, 61. See also Saturn
Moon	ŠIN	I iv 21, 38; II i 12, 19, 23; A 8, 9; II 1, 2, 43-48; III 4-14, 44.
Saturn	UDU.ŠAR.ŠU.ŠU [REDACTED]	[REDACTED]
	zibanītu (Scales)	II i 39, 64.
	MUL.ŠUTU (Star of the Sun)	II i 39, 64.
* Jupiter	Sagmešar Šulpaša [REDACTED]	I i 38; II i 38, 49, 60. II i 2. [REDACTED]
[REDACTED]	[REDACTED]	[REDACTED]
Venus	DIIDAT	I ii 13; II i 3, 38, 44, 47, 61.
Mercury	UDU.IDIM.GU ₄ .UD ša Ninurta šumšu (the jumping planet whose name is Ninurta)	I ii 16; II i 3, 38, 54, 66.

Como observado anteriormente, outros dois tablets no gráfico acima, além dessas grandes referências referem-se a Nibiru como Mercúrio.

Resumo:

O que os textos cuneiformes dizem sobre Nibiru - particularmente em contradição com Zecharia Sitchin? Aqui está a lista:

- 1) Nibiru é chamado de estrela.
- 2) Nibiru é chamado de planeta - quase sempre associado a Júpiter-Marduk, mas uma vez que Mercúrio, e nunca nada além de Plutão ou dos planetas conhecidos.
- 3) Os sumérios, por seus próprios registros, sabiam de apenas cinco planetas (e aceitavam o sol e a lua como planetas).
- 4) Nibiru nunca é mencionado em nenhum aspecto com os Anunnakis, e nunca é dito ter sido habitado.
- 5) Nibiru era visto a cada ano, o que derruba a visão de Sitchin de um ciclo de 3.600 anos.